

AFETIVIDADE E A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

AFFECTIVITY AND THE IMPORTANCE OF THE TEACHER IN THE TEACHING/LEARNING PROCESS

Débora Abadia do Nascimento¹
Luciléa Moura da Silva Ferreira²
Marcia Gondim Cardoso da Silva³
Marcelo Cardoso Monteiro⁴

RESUMO: O objetivo deste trabalho é ressaltar a importância do papel do professor no processo ensino/aprendizagem, como mediador do conhecimento, e não apenas como transmissor de informações. Reconhecer que o aluno deve fazer parte da sua prática educativa, respeitando as diferenças e o limite de cada um, baseando-se na afetividade. Como metodologia, procurou-se realizar uma revisão de literaturas sobre a temática evidenciada em artigos publicados, revistas especializadas, e algumas obras que priorizam a educação, com ênfase na afetividade. De forma objetiva manifestou-se, nesse contexto, discussões sobre a importância do professor no processo ensino/aprendizagem. Sabe-se que a escola, além da família, é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade. Portanto, a escola tem uma missão humanizadora, não somente de alfabetização dos alunos, mas de promover a inclusão social e a formação da cidadania. Com a pesquisa realizada, observou-se que há uma grande necessidade de se pensar o futuro da educação em nosso país, e isso só dependerá de um esforço comunitário, em que órgãos responsáveis, desenvolvam políticas públicas quanto à postura de pesquisadores, políticos, prestadores de serviços e familiares a fim de trabalhar com uma única meta comum: a de garantir uma educação de qualidade para todos.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Professora de Ensino Fundamental. Email: deboraabadia1@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Delta. Professora de Ensino Fundamental. Email: lucilea.professora@hotmail.com

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Universo. Professora de Ensino Fundamental.

⁴ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Graduado em Pedagogia e em Geografia. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Estadual de Goiás-UEG e em Neuropedagogia Aplicada à Educação pela FABEC. Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Goiás-UFG. Email: marcelocardosogeo2013@hotmail.com

Palavras-chaves: Educação . Afetividade. Professor. Aluno. Família. Constituição Federal.

ABSTRACT: The main purpose of this work is to emphasize the importance of the teacher's role in the teaching/learning process as a mediator of knowledge and not only as a transmitter of information. Recognize that the student must be part of the teacher's educational practice, respecting the differences and the limits of each one, based on affection. As a methodology, a literature review on the theme was carried out in published articles, specialized magazines and some works that prioritize education with an emphasis on affectivity. In an objective way, discussions about the importance of the teacher in the teaching/learning process are manifested in the context. It is known that the school, besides the family, is one of the agents responsible for the integration of the child in society, therefore, the school has a humanizing mission, not only to teach students to read, but to promote social inclusion and the formation of citizenship. As final considerations, it was observed that there is a great need to think about the future of education in our country and this will depend on a community effort, in which responsible agencies develop public policies regarding the posture of researchers, politicians, service providers and family members in order to work towards a single common goal: to guarantee quality education for all.

Keywords: Education. Affectivity. Teacher. Student. Family. Federal Constitution.

INTRODUÇÃO

Ao se falar em educação, vimos que a mesma é tida como parte integrante de nosso dia-a-dia, pois, fala-se em educação tanto em casa, na escola, na rua, na igreja, etc. A educação se dá de várias formas e em vários lugares e contextos. Ao falarmos que um aluno não tem educação, porque entrou em sala de aula após o início da mesma, sem pedir licença à professora, estamos nos referindo à educação dos pais, à educação de casa, à educação informal.

Por outro lado, quando alguma pessoa está à procura de um emprego, faz-se necessário a apresentação do diploma de ensino médio, se esta não possui, diz-se que não tem a educação necessária, a educação formal.

Desse modo, nota-se que há várias teorias e conceitos sobre o termo enfatizado. Alguns teóricos defendem a ideia de que a educação deve ser individualizada, uma vez que o homem seria o objeto central do processo

educativo. Outros defendem a tese da educação comunitária, uma vez que o destino do homem é viver em sociedade.

Para tanto, buscou-se neste artigo, ressaltar a importância do papel do professor no processo ensino/aprendizagem como mediador do conhecimento, e não apenas como transmissor de informações. Reconhecer que o aluno deve fazer parte da sua prática educativa, respeitando as diferenças e o limite de cada um, baseando-se na afetividade.

Hoje, com tanto acesso fácil e rápido às informações, a função do professor se modifica. O professor passa a ser um mediador, promovendo a interação com o aluno, orientando-o a encontrar conexões entre o que já conhece e o que é novo. Ele já não é mais um “reprodutor de livros”, mas é um facilitador, que vai orientar, conduzir, não somente às pesquisas, mas também às atitudes e valores.

No entanto, frente à situação atual da educação: gestão pública ineficiente, desvalorização da profissão, precária formação do educador, interesses corporativistas, faz com que os professores sentem-se cada vez mais frustrados e desanimados e, nesse sentido, a motivação age como fator inibidor da criatividade do trabalho docente, pois de uma coisa estamos certos; a qualidade do ensino está, entre outros, relacionada ao estímulo dos professores.

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, devemos nos lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Professores, amantes de sua profissão, comprometidos com a produção do conhecimento, em sala de aula, que desenvolvem com seus alunos um vínculo muito estreito de amizade e respeito mútuo pelo saber, são fundamentais.

Se por um lado é importante a existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre docente e discente para que melhor se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, os

educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Portanto, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno, apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um "Formador de Opiniões".

Dessa forma, a afetividade é um fator que precisa ser fortalecido nas relações educacionais dentro e fora da escola. Sobretudo, a escola é o primeiro agente socializador da criança, é nela que está a base da aprendizagem. Por isso, é necessário que ela ofereça todas as condições para que a criança se sinta protegida.

A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NA OBRA DE VYGOTSKY

No campo da afetividade encontra-se uma variedade de termos (emoções, paixões, afetos, sentimentos), aos quais são atribuídos diferentes significados por distintos autores, diferentes momentos e abordagens teóricas.

Rego (2010), aborda a temática dos sentimentos e das emoções de uma maneira muito particular, buscando primeiramente examinar, com profundidade as teorias já formuladas sobre a questão. A autora enfatiza e comenta sobre a formulação das teorias vygotskianas, quando diz que: "Seus escritos sobre emoção e afetividade apesar de dispersos e incompletos são extremamente interessantes, pois revelam sua abordagem crítica. (REGO, 2010, p. 15-16).

Sabe-se que a teoria de Vygotsky fundamenta-se no desenvolvimento humano como resultado de um processo sócio-histórico, uma maior importância ao papel da linguagem e da aprendizagem, tendo como centro das atenções a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio.

Segundo Rego (2010), para que possamos compreender a originalidade das contribuições de Vygotsky à área da educação, é necessário que examinemos, ainda que brevemente, as teorias psicológicas já formuladas sobre a constituição do psiquismo humano: o inatismo e o ambientalismo.

Essas abordagens, revelam diferentes concepções e modos de explicar as dimensões biológicas e culturais do homem e a forma pela qual o

sujeito aprende e se desenvolve, e mais particularmente, as possibilidades de ação educativa.

De acordo com as teorias de Vygotsky, o educando é aquilo que ele realizará, e não o que recebe. Dessa forma, modificam-se quando são agentes de suas iniciativas, compreendendo que é circunstância do aluno educar a si mesmo, mas para isso é necessário que o professor ao executar seu papel saiba como se aproximar das crianças, e não transmita informações de forma robotizada. Tassoni analisa a função das teorias criadas por Vygotsky, dizendo que:

Ao destacar a importância das interações sociais, traz a idéia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Assim sendo, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. (TASSONI, 1991, p. 58).

Conforme mencionado, a afetividade é vista como a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da afetividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura. Gabriel Chalita justifica o que foi dito acima por Maria Augusta Sanches Rossini:

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência; trata-se de um processo continuado porque as coisas não mudam de uma hora para outra. É diferente de uma simples memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos, e o problema está resolvido. (CHALITA, 2001, p. 230).

Portanto, a emoção trabalha com a libertação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro o que dá trabalho, demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade. Assim, o aspecto afetivo é um elemento importante que deve ser considerado no processo

de aprendizagem. Atualmente, existe grande interesse em estudar o afeto e sua influência neste processo.

Considerando que este processo ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se ou constrói novos conhecimentos.

Todavia, a aprendizagem afetiva é aquela em que o aspecto afetivo-emocional participa mais ativamente no processo da aprendizagem, como que estados de aceitação, não-aceitação ou de expectativa com relação a algo, não deixando, no entanto, de haver a participação cognitiva e, conforme as circunstâncias, psicomotora, na ocorrência. Esse tipo de aprendizagem tem muito a ver com a estruturação da personalidade, pois muitas direções filosóficas, religiosas, políticas, morais, estéticas, entre outras, tem muito a ver com a afetividade. Ademais, Gabriel Chalita ressalta que:

O aluno, como todo ser humano, necessita de afeto para se sentir valorizado... [...] o professor o ponto de referência, o modelo e o exemplo a ser seguido e, justamente por causa disso, mesmo que faça pouco afetuosamente (uma palavra, um gesto), para o aluno com problemas será muito. (CHALITA, 2010, p. 155).

Atualmente, em uma perspectiva sociocultural, a pré-escola, denominada Educação Infantil, desempenha um papel de grande importância dentro da educação, fazendo com que a criança passe a reconhecer a si própria e o outro como parte integrante do seu universo, construindo novos conhecimentos e interagindo com outras pessoas, percebendo as emoções e sensações que surgem das diferentes situações por ela vivenciadas.

Portanto, esses contatos que a criança faz são importantes porque auxiliam na sua formação, sendo também nessa fase que ela cria a noção de liberdade e autonomia. A Educação Infantil ganha mais espaço a cada dia, e seu trabalho têm contribuído notavelmente no desenvolvimento da aprendizagem da criança, e é justamente a construção da identidade e da autonomia que devem nortear todas essas ações, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Segundo a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 29, destaca que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Desta forma, percebe-se que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular. É deste modo, através do outro, que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos.

A IMPOTÊNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Na atualidade, não se exige um professor que seja simplesmente um transmissor de informações, ou que aprende nas carteiras de uma universidade o que vai ser ensinado aos alunos, mas exige-se de um professor que saiba produzir o conhecimento em sintonia com o aluno em sala de aula. Não é suficiente que ele saiba apenas o conteúdo da disciplina que leciona. Ele precisa ter conhecimento e saber interagir com outras disciplinas de forma interdisciplinar, como também conhecer o aluno em sua totalidade.

Conhecer e ter interatividade com o aluno, faz parte do papel desempenhado pelo professor, pois ele necessita saber o que, para que e para quem ensinar, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em seu contexto e prática social.

É necessário que o professor compreenda as teorias do desenvolvimento humano e tenha atitude de investigador do aluno e da sua prática por meio de estudos na área psicopedagógica. O estudo acerca da relação entre afetividade e sua influência no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança com base nas teorias, baseia-se em algumas considerações.

Uma delas é o fato de que afetividade e inteligência constituem um conjunto inseparável na evolução do psicológico da criança, pois ambas têm funções bastante definidas e quando se integram, permitem a criança alcançar

níveis de pensamento cada vez mais elevados e a constituição da sua pessoa, que expressa a sua forma de ser única no mundo. (CHALITA, 2004, p. 27).

Na escola, um bom ajustamento afetivo se torna condição necessária ao pleno desenvolvimento do aluno. Nesse caso, o professor desempenha o papel de mediador no processo educativo; isso significa que a ação do professor precisa ser pautada no conhecimento acerca do desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, das suas necessidades. (CHALITA, 2004, P. 27).

Dessa forma, acredita-se que o professor terá condições de tomar as decisões comprometidas com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e plenamente realizada em sua aprendizagem.

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO COM ÊNFASE NAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA ESCOLAR

Segundo Libâneo (1990), a pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função, preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Isso pressupõe que o indivíduo precisa adaptar-se aos valores e normas vigentes na sociedade de classe, através do desenvolvimento da cultura individual. Devido a essa ênfase no aspecto cultural, as diferenças entre as classes sociais não são consideradas, pois, embora a escola passe a difundir a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

De acordo com esse quadro teórico, a tendência liberal tradicional se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral. De acordo com essa escola tradicional, o aluno é educado para atingir sua plena realização através de seu próprio esforço. Sendo assim, as diferenças de classe social não são consideradas e toda a prática escolar não tem nenhuma relação com o cotidiano do aluno.

Quanto aos pressupostos de aprendizagem, a ideia de que o ensino consiste em repassar os conhecimentos para o espírito da criança é acompanhada de outra: a de que a capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, sem levar em conta as características próprias de cada

idade. A criança é vista, assim, como um adulto em miniatura, apenas menos desenvolvida. Como se pode notar, nesta perspectiva teórica de José Carlos Libâneo, a Tendência Liberal Renovada Progressivista acentua o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais.

A escola continua, dessa forma, a preparar o aluno para assumir seu papel na sociedade, adaptando as necessidades do educando ao meio social, por isso ela deve imitar a vida. Se, na tendência liberal tradicional, a atividade pedagógica estava centrada no professor, na escola renovada progressivista, defende-se a ideia de “aprender fazendo”, portanto centrada no aluno, valorizando as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, etc., levando em conta os interesses do aluno.

Como pressupostos de aprendizagem, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma autoaprendizagem, sendo o ambiente apenas um meio estimulador. Só é retido aquilo que se incorpora à atividade do aluno, através da descoberta pessoal; o que é incorporado passa a compor a estrutura cognitiva para ser empregado em novas situações. É a tomada de consciência, segundo Piaget.

Acentua-se, na Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva, o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo o esforço deve visar a uma mudança dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente.

Aprender é modificar suas próprias percepções. Apenas se aprende o que estiver significativamente relacionado com essas percepções. A retenção se dá pela relevância do aprendido em relação ao “eu”, o que torna a avaliação escolar sem sentido, privilegiando-se a auto-avaliação. Trata-se de um ensino centrado no aluno, sendo o professor apenas um facilitador. No ensino da língua, tal como ocorreu com a corrente pragmatista, as ideias da escola renovada não-diretiva, embora muito difundidas, encontraram, também, uma barreira na prática da tendência liberal tradicional.

A escola liberal tecnicista atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja,

a tecnologia comportamental. Seu interesse principal é, portanto, produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, não se preocupando com as mudanças sociais.

Conforme Matui (1988, p. 57), a escola tecnicista vê o aluno como depositário passivo dos conhecimentos, que devem ser acumulados na mente através de associações. Skinner foi o expoente principal dessa corrente psicológica, também conhecida como behaviorista.

Segundo Libâneo (1990), a Pedagogia Progressista designa as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação.

As tendências progressistas libertadora e libertária têm, em comum, a defesa da autogestão pedagógica e o antiautoritarismo. A escola libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido. Segundo Gadotti:

Paulo Freire não considera o papel informativo, o ato de conhecimento na relação educativa, mas insiste que o conhecimento não é suficiente se, ao lado e junto deste, não se elabora uma nova teoria do conhecimento e se os oprimidos não podem adquirir uma nova estrutura do conhecimento que lhes permita reelaborar e reordenar seus próprios conhecimentos e apropriar-se de outros. (GADOTTI 1998, p.142).

Assim, para Paulo Freire, no contexto da luta de classes, o saber mais importante para o oprimido é a descoberta da sua situação de oprimido, a condição para se libertar da exploração política e econômica, através da elaboração da consciência crítica passo a passo com sua organização de classe. Por isso, a pedagogia libertadora ultrapassa os limites da pedagogia, situando-se também no campo da economia, da política e das ciências sociais (GADOTTI 1998, p. 143).

Assim, aprender torna-se um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica.

A escola progressista libertária parte do pressuposto de que somente o vivido pelo educando é incorporado e utilizado em situações novas, por isso o saber sistematizado só terá relevância se for possível seu uso prático. A ênfase na aprendizagem informal, via grupo, e a negação de toda forma de repressão, visam a favorecer o desenvolvimento de pessoas mais livres.

Conforme Libâneo (1990), a tendência progressista crítico-social dos conteúdos, diferentemente da libertadora e libertária, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

Após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de n.º 9.394/96, que revalorizam-se as ideias de Piaget, Vygotsky e Wallon, percebemos que um dos pontos em comum entre esses psicólogos é o fato de serem interacionistas, porque concebem o conhecimento como resultado da ação que se passa entre o sujeito e um objeto.

O professor deve ter o olhar direcionado para o aluno e vê-lo como um ser único e não apenas mais um número na sala, pois cada criança aprende em seu próprio ritmo e isso deve ser observado e levado em consideração pelo professor. Isso é o início para um resultado positivo na aprendizagem, ou seja, o início de um vínculo afetivo. Esse deve ser o foco principal na relação ensino/aprendizagem e professor/aluno.

Na relação entre educador e educando, deve-se buscar a compreensão e a aceitação mútua, no respeito, na amizade, no amor, na troca de informações e no diálogo, sendo a base de um bom aprendizado. Trabalhar com crianças requer sensibilidade do educador e uma investigação de como cada uma aprende, estendendo essa visão para as habilidades e dificuldades de cada uma delas.

Baseado na teoria de Vygotsky (2007), o professor é o mediador entre o sujeito e o objeto de estudo, interferindo no processo de aprendizagem, levando em conta aspectos da linguagem, cultura, processo de internalização, função

mental e zona de desenvolvimento proximal. Vygotsky distingue a zona de desenvolvimento proximal da zona de desenvolvimento mental:

A zona de desenvolvimento proximal determina através de problemas que a criança não pode resolver independentemente, fazendo-o somente com assistência. A zona de desenvolvimento proximal, define aquelas funções que a crianças não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. O nível de desenvolvimento real, caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. O aluno aprende junto ao outro o que produz o grupo social seja na linguagem, valores ou conhecimentos. (VYGOTSKY, 2007, p. 156).

Neste sentido, Vygotsky considera que o desenvolvimento e a aprendizagem inter-relacionam-se desde o nascimento da criança, isto é, a constituição do sujeito é um movimento dialético entre aprendizagem e desenvolvimento.

ENSINAR EXIGE A CONVICÇÃO DE QUE A MUDANÇA É POSSÍVEL

Quanto à possibilidade de mudanças no processo ensino aprendizagem, Freire (1979), centrou a defesa de uma pedagogia que possibilitasse ao sujeito ter autonomia. Para este autor, a educação libertadora precede do desenvolvimento da capacidade do indivíduo criar suas próprias representações do mundo, pensar estratégias para resolução de problemas e aprender a compreender-se como sujeito da história.

A autonomia, segundo ele, é fundamental para construção de uma sociedade democrática para criar condições de participação política, onde as pessoas tenham vez e voz, para dizer o que desejam e que modelo de sociedade é melhor, se individual ou coletivo.

O papel do professor é indispensável à constituição da subjetividade do educando. No momento que vai desvendando os segredos do pensamento e da estrutura argumentativa, por intermédio de uma visão crítica, vai se tornando inteligente o suficiente para compreender o mundo e compreender-se nele, rodeado por outros seres com interesses diversos.

Segundo Paulo Freire (1997, p.77), “ao educador cabe não apenas ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo, criar suas próprias representações da realidade, saber explicar os fenômenos a partir de suas conclusões”.

A educação que vise formar para a autonomia deve fomentar nos educandos a curiosidade e a criticidade. Um educador que busca despertar a curiosidade e a criticidade em seus educandos, não pode basear-se na memorização mecânica. Pensar mecanicamente é pensar errado. "Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos" (FREIRE,1997, p. 77).

A arrogância de achar-se o detentor de verdades definitivas e inquestionáveis também é pensar errado. Os homens e mulheres como seres históricos podem intervir no mundo, conhecê-lo e transformá-lo. O conhecimento também por eles produzido, igualmente é histórico. Dessa forma, os conhecimentos que temos hoje superaram conhecimentos produzidos por gerações passadas, mas tais conhecimentos, também, serão superados por outros produzidos por gerações que virão.

Esse processo de superação é constante e não há nenhum conhecimento que seja absoluto. Por isso é tão importante estar aberto a novos conhecimentos e buscar produzi-los, quanto conhecer o que a humanidade já produziu. Deste modo, a educação para a autonomia só é possível havendo essa possibilidade de recriar o que o passado nos legou e criar o novo. Segundo Paulo Freire:

Há indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Faz parte da natureza da prática docente indagar, buscar, pesquisar. A pesquisa possibilita conhecer a novidade e contribui para que a curiosidade vá se tornando cada vez, metodicamente, mais rigorosa, e assim saia da ingenuidade e transforme-se em curiosidade epistemológica. (FREIRE, 1997, p. 88).

A curiosidade ingênua é o que caracteriza o senso comum, é um saber feito apenas da experiência sem rigorosidade metódica. A ingenuidade é nociva à autonomia, pois impede, inclusive, a percepção dos elementos de heteronomia que nos cercam. A rigorosidade metódica é necessária para que conheçamos

melhor o mundo e a nós, e, assim, tenhamos maior capacidade de nos determinarmos, elemento essencial para sermos autônomos.

Freire (1979), considera que a diferença e a distância entre ingenuidade e criticidade não se dá na ruptura entre elas, mas na superação. A curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, ao criticizar-se se torna curiosidade epistemológica. Essa superação ocorre devido à rigorosidade metódica na aproximação do objeto, que caracteriza a segunda curiosidade. A essência da curiosidade permanece a mesma, mudando apenas a qualidade.

A curiosidade é condição para a criatividade, ela é a "indagação inquietadora" (FREIRE, 1997, p. 85), que nos move no sentido de desvelar o mundo que não fizemos e acrescentar a ele algo que nós fazemos. A prática educativa progressista que visa educar para a autonomia deve promover a superação para a curiosidade epistemológica, não há como ser autônomo sem criticidade, mantendo uma visão ingênua do mundo.

A partir das concepções de Freire, percebemos que a educação envolve o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Práticas espontâneas produzem geralmente um saber ingênuo. O conhecimento crítico, necessário para a autonomia, se alcança com rigorosidade metódica. Assim, o pensar certo não é presente dos deuses ou fruto de uma iluminação especial sobre uma ou outra mente privilegiada, o pensar certo é possível a todos e deve ser produzido; na escola ele deve ser produzido pelo educando em comunhão com seu educador.

Todavia, somos curiosos, e essa curiosidade por sua vez, faz parte integrante do fenômeno vital. O conhecimento sempre começa pela pergunta, pela curiosidade (FREIRE, 1997). Mas o que deve ser obra do sujeito é a passagem da curiosidade espontânea, ingênua para a curiosidade epistemológica. Isso só é feito com reflexão crítica sobre a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

afirmação de identidade do aluno. No sentido de identificar o papel do professor no processo de ensino/aprendizagem, este trabalho teve como objetivo relatar sua relevante presença, assim como sua intervenção na produção do conhecimento, uma vez que este conhecimento é construído em parceria com o aluno.

Diante de tantas problemáticas enfrentadas dentro das escolas, vemos a necessidade de praticar a pedagogia da inclusão. Inclusão esta que se nota resultados significativos quando trabalhada com afetividade, pois neste contexto, percebemos que em muitas escolas não são trabalhadas de forma a atender seu alunado de forma coerente e satisfatória. Assim, muitos alunos são excluídos pelos próprios professores e colegas. São excluídos quando nunca falamos deles, quando não os valorizamos, quando os ignoramos continuamente.

São excluídos quando supervalorizamos alguns, colocando-os como exemplos em detrimento de outros. São excluídos quando exigimos de alunos com dificuldades de aceitação e de relacionamento, resultados imediatos, metas difíceis para eles no campo emocional.

Há uma série de obstáculos no caminho para se ter uma educação de qualidade, dentre eles podemos citar: a formação intelectual que valoriza mais o conteúdo oral e textual, separando razão e emoção. O professor não costuma ter uma formação emocional e afetiva. Fazendo deste modo com que o mesmo não enxergue seus acertos, mas somente seus erros.

A afetividade não é somente emoção, porque está ligada às questões filosóficas que englobam a amplitude da emoção e as questões relacionadas ao meio social. As relações afetivas são conduzidas através da interação constante dos indivíduos.

Parafraseando Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros, a respeito do ensino, o mesmo ressalta que: “É preciso juntar a humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, sem a amorosidade, seu trabalho perde o significado”.

Assim, Paulo Freire nos alerta para mais um elemento importante na questão da afetividade – que é a humildade. Não adianta ser um professor ou um aluno amoroso, sem que haja humildade dentro dessa relação.

O professor precisa dar atenção e estimular os alunos à interação afetiva, em sala de aula, e mostrar que os mesmos são importantes para a escola e até mesmo para o próprio professor. A escola deve ser um ambiente de aprendizagem onde a criança se familiarize com outras crianças, buscando aprendizagem de forma afetiva, cognitiva e motora para proporcionar o bem estar.

Cabe ao professor, como facilitador e mediador da aprendizagem, refletir em seu método de ensino para seus alunos, facilitando a aprendizagem e verificando onde afetará profundamente os resultados para a melhoria. O professor é o suporte intelectual e emocional do aluno na interação com o meio, comprovando a construção histórica, além de toda e qualquer modernidade.

O afeto desenvolve um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto, não haveria interesse nem motivação. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da aprendizagem, mas, também não é suficiente, pois, sabemos que a educação não deve ser tratada como algo isolado, mas um conjunto de fatores socioculturais que se relacionam.

REFRÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília. DF: Senado, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada e publicada em 5 de outubro de 1988*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96*. Brasília – DF. 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEE, 1997.

CHALITA, Gabriel. *Educação: A Solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente; 14ª ed. Revista e atualizada; 2004.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro; 1979.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública - a pedagogia crítica social dos conteúdos*. Editora Loyola. São Paulo; 1984.

_____. *Democratização da Escola Pública*. São Paulo: Loyola, 1990.

MATUI, Jiron. *Construtivismo*. São Paulo : Editora Moderna, 1988.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Aprender tem que ser gostoso*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TASSONI, Elvira C. M. *Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno*. UniCamp. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2019T.PDF>
Acessado em 15/09/2020.

VYGOTSKY, LS. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes 7ª ed., 2007.